

Atas

do IV Colóquio Internacional Caminhos de Santiago

**“S. PEDRO DE RATES,  
O PRIMEIRO DISCÍPULO  
DE SANTIAGO”**

2017





#### FICHA TÉCNICA

**Título:** Atas do IV Colóquio Internacional Caminhos de Santiago  
“S. Pedro de Rates, o Primeiro Discípulo de Santiago” - 2017

**Coleção:** Biblioteca de Estudos Jacobeos 4

**Editor:** Município da Póvoa do Varzim

**Coord. Editorial:** Manuel Costa e Paulo Sá Machado

**Tiragem:** 500 ex.

**Layout, paginação,  
impressão e acabamentos:** Oficina de S. José

**Data:** novembro 2018

**Depósito Legal:** 448381/18

**ISBN:** 978-972-9146-99-2

#### APOIOS INSTITUCIONAIS:



## TIAGO E PEDRO

Paulatinamente, o Colóquio Internacional Caminhos de Santiago, que anualmente vem tendo lugar em S. Pedro de Rates, vai fazendo o seu próprio caminho e, de passada, (re) afirmando a posição central desta Vila não apenas no itinerário mas igualmente no debate (multímido) que a temática jacobea suscita.

O desafio lançado para o debate no Colóquio de 2018 remetia para a similitude fundadora dos vultos e dos cultos de Santiago e de S. Pedro de Rates, que, por razões que a história e a geopolítica bem explicam, tiveram destinos diferentes: a difusão, inicialmente à escala europeia (onde desempenhou papel unificador relevante, pelo convívio intercultural que proporcionou), entretanto geradora de atenção e de atração à escala planetária (no caso da “inventio” compostelana); a confinação a um contexto meramente regional da “inventio” ratense (aliás, a coberto da pretensão de estabelecer precedências protocolares entre as igrejas hispânicas) – o que, ainda assim, não impediu que, por meio milénio, o santo ratense protegesse com a sua bênção os cristãos a norte do Douro.

Esta similitude (nas origens - que não na evolução dos cultos, como é flagrante) justificaria uma atenção maior na estratégia promocional da rota de peregrinação que passa em Rates – estratégia a que este Colóquio dá respaldo histórico para mais ousada promoção, num tempo em que o Caminho é, cada vez mais, centro de uma competição que, condenada a valorizar a componente turístico-económica, não pode nunca perder de vista a matricial fundação religiosa e histórico-cultural (se não a única, seguramente a mais sustentável das motivações de quem peregrina).

Como ensinam os chineses, quando o sábio aponta a lua não devemos olhar só para os seus dedos... E Rates, graças a estes Colóquios, sabe bem qual é o caminho para rendibilizar o Caminho.

Póvoa do Varzim, Novembro de 2018

O Presidente da Câmara  
*Aires Henrique do Couto Pereira*

## SAUDAÇÃO

O Colóquio Internacional Caminhos de Santiago que, anualmente, se realiza em S. Pedro de Rates, é, definitivamente, um ponto de encontro de especialistas, estudiosos e amantes do Caminho de Santiago

Esta iniciativa, que junta em S. Pedro de Rates personalidades de Espanha, França, Itália, Alemanha e, naturalmente, de Portugal, assumiu já uma significativa importância no que diz respeito à consolidação da imagem de S. Pedro de Rates enquanto ponto de visita e estudo obrigatórios no contexto da temática dos Caminhos de Santiago.

O Caminho de Santiago, para além de ser motivo de peregrinação de muitos crentes, é, cada vez mais, um percurso para o “simplex peregrino” que, a par de momentos de reflexão, procura conhecer a imensa riqueza cultural, paisagística, social e económica do nosso país.

S. Pedro de Rates constitui um dos pontos de passagem obrigatória no denominado Caminho Central.

Para além do seu rico património cultural, de que se destaca a Igreja Românica do Século XII, possui o primeiro Albergue de Peregrinos de Santiago do país da época moderna.

A quarta edição deste Colóquio Internacional teve como novidades a realização da primeira Feira do Livro subordinada à temática do Caminho e participação de comunicadores oriundos de Itália e Alemanha.

Com esta iniciativa, a Junta de Freguesia de S. Pedro de Rates pretende preservar e fortalecer uma política de desenvolvimento cultural que tem colocado a freguesia no roteiro cultural da Região.

*Paulo João Lopes da Silva*  
Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro de Rates



## PROGRAMA

EXPOSIÇÃO: “SANTIAGO AGORA E SEMPRE...”  
16 de Novembro a 3 de Dezembro de 2017  
Colecção Particular de Paulo Sá Machado

### 17 DE NOVEMBRO DE 2017

CENTRO DE ESTUDOS JACOBEOS

09:30 - Inauguração do espaço Centro de Estudos Jacobeos e abertura da Feira do Livro

### COLÓQUIO

IGREJA ROMÂNICA DE S. PEDRO DE RATES

10:00 - Sessão Inaugural com as Entidades Oficiais

10:00 - 1ª Sessão

Doutor Arlindo Cunha

(Universidade Católica Portuguesa – Polo Porto)

“Que necessário para que um Caminho possa dizer-se DE SANTIAGO”

Dr. Luís Maia Rodrigues

(Professor de História)

“Peregrinar a Santiago na Idade Média e na Actualidade”

António José Mortágua Pires e António Magalhães Pinto

(Peregrinos e Directores da Associação Ventos Peregrinos)

“Bom Caminho - Exibição do Filme”

12:30 - Almoço livre

14:30 - 2ª Sessão

Salão Nobre da Junta de Freguesia de Rates

**Dr. Paulo Sá Machado**

(Comissário Geral dos Colóquios Internacionais)

**Dr. Manuel Costa**

(Director da Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim)

"Apresentação do 3º Volume da Biblioteca de Estudos Jacobeos"

Actas do III Colóquio Internacional

**Professor Doutor António Céspedes Mimbrero**

(Presidente Asociacion Villae Naevae – Camino Jacobeo de la Frontera Sevilla)

**Eng. Laureano Tomas Sapinã**

(Secretario Asociacion Villae Naevae – Camino Jacobeo de la Frontera Sevilla)

"El Camino de la Frontera"

**Dr. Paulo Jorge Sousa Costa**

(Mestre em Estudos Medievais)

"Hagiotoponímia Medieval no Norte de Portugal, segundo as inquirições medievais de 1258"

**Professora Drª Estefanía López Salas**

(Universidade da Corunha)

"La hospitalidad monástica en San Júlían de Samos: su rastro documental y físico"

16:00 - Intervalo

16:30 - 3ª Sessão

**Professor Dr. Ferdinando Maurici**

(Museu do Palacio d'Aumale-Palermo)

"Santiago e a Sicília"

**Dr. Jorge Guerra Duarte**

(Museu da Seda e do Território de Freixo de Espada à Cinta)

"A Calçada deAlpajares"

**Professor Doutor José Ramon Soraluze**

(Universidade da Corunha)

"Reconstrucciones y traslados en el Camino de Santiago"

**Professor Doutor Xosé Leira Lopez**

(Universidade da Corunha)

"Fuerzas centrípetas y centrífugas. Peregrinos y Refugiados"

**Dr. Pedro Abeal Sousa**

(Professor no CIP do Feal (Narón) Corunha)

"La música en la peregrinación de Cosme III de Médicis"

**Dr. Jean Claude Benazet**

(Compositor – Autor da Letrada ULTREIA – França)

"Abadia S. Pedro de Moissac"

**Dr. Manuel Rodriguez**

(S.A. de Xestion do Plan Xacobeo)

"Huelas históricas de la peregrinación europea en la Ciudad de Santiago"

18 DE NOVEMBRO DE 2017

SALÃO NOBRE DA JUNTA DE FREGUESIA DE S. PEDRO DE RATES

10:00 - 4ª Sessão

**Professor Doutor Ramon Yzquierdo Pérrin**

(Universidade da Corunha)

"Ofrendas al Apóstolo Santiago y regalos a Peregrinos Singulares"

**Doutor Luís Raposo**

(Presidente do ICOM – Museu Nacional de Arqueologia)

"Megalitismo e migrações na fachada atlântica europeia"

**Doutora Deolinda Carneiro e Dr. José Flores**

(Museu Municipal da Póvoa de Varzim)

"S. Pedro, Orago de Rates, no Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim"

**Professor Doutor Francisco Singul**

(S.A. de Zestion do Plan Xacobeo)

"A peregrinação europeia à cidade de Santiago de Compostela na crise geral do Século XIV"

12:00 - Sessão de encerramento

Conclusões do Colóquio


ATUAÇÃO DO GRUPO ENSEMBLE VOCAL ARNALDO MOREIRA

12:30 - Almoço Final de Confraternização

(Convidados, Palestrantes, Congressistas)

# CÓ MU NI CA ÇÕ ES





## La hospitalidad monástica en San Julián de Samos: su rastro documental y físico

*Estefanía López Salas*  
Universidade da Coruña

### Resumen

Entre las localidades de Triacastela y Sarria, el camino francés de peregrinación a Santiago de Compostela tiene, además de su ruta principal, un recorrido alternativo hacia el sur que permite al peregrino pasar por el monasterio benedictino de San Julián de Samos, ubicado en la provincia de Lugo (España). En la presente comunicación exploramos la relación que esta antigua casa religiosa ha establecido con el camino, así como la influencia que este último ha tenido sobre aquella y en su entorno inmediato a lo largo de los siglos. Para ello recurrimos a la localización de diversas fuentes documentales que contienen referencias sobre el papel de los monjes de Samos en relación a los peregrinos. Al mismo tiempo, nos interesa descubrir las huellas físicas que la necesidad de responder a una adecuada hospitalidad ha generado sobre el lugar de Samos y, en especial, nos centraremos en mostrar qué arquitecturas fueron expresamente creadas en la villa, por parte de los monjes, para servicio del camino y cuál es la huella que hoy queda de ellas en el tejido urbano existente.

**Palabras clave:** Arquitectura, peregrinación, hospitalidad, monasterio, historia urbana, paisaje

### Abstract

Between the villages of Triacastela and Sarria, the French Way to Santiago de Compostela offers, besides the main route, an alternative one towards the south.

This way allows the pilgrim to go past the Benedictine monastery of San Julián de Samos, which is located in the province of Lugo (Spain). In the present paper we explore the relation that this ancient religious house has established with the pilgrimage route as well as how the latter has had an influence in the former and in its surroundings over the course of centuries. In order to achieve that aim, we seek new documentary sources that gather references about the relationship between the monks and the pilgrims. In addition to this, we are interested in discovering the physical traces that the need to give a suitable welcome has caused in the place of Samos. In particular, we will focus on showing what buildings were specially created by the monks in the village to supply the pilgrimage route, and what traces of them remain in the urban tissue at present.

**Keywords:** Architecture, pilgrimage, hospitality, monastery, urban history, landscape

Desde el inicio de las peregrinaciones a Santiago de Compostela, el hospedaje de peregrinos se incluyó entre los actos propios de las comunidades monásticas, que crearon construcciones que se dedicaban exclusivamente a ese fin, a modo de albergues u hospitales.<sup>1</sup> De hecho, la Regla de San Benito incide en el cumplimiento de este servicio en su capítulo cincuenta y tres:

*Rectibanse a todos los huéspedes que llegan como a Cristo, pues Él mismo ha de decir "Huésped fui y me recibieron". A todos dese el honor que corresponde, pero sobre todo a los hermanos de la fe y a los peregrinos [...] Al recibir a pobres y peregrinos se tendrá el máximo de cuidado y solicitud, porque en ellos se recibe especialmente a Cristo, pues cuando se recibe a ricos el mismo temor que inspiran, induce a respetarlos [...]*<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este trabajo está basado en parte de mi tesis doctoral titulada *San Julián de Samos - Lugo, estudio e interpretación del espacio monástico y su evolución*, defendida en junio de 2015. Fue parcialmente financiada por la Universidade da Coruña (Ref.: Ayuda de apoyo a la etapa pre-doctoral UDC 2011) y por la Xunta de Galicia (Ref.: Ayuda de apoyo a la etapa pre-doctoral del Plan Gallego de Investigación, Innovación y Crecimiento 2011-2015 - Plan IC2), cofinanciado por el Fondo Social Europeo (FSE-FEDER). E-mail de contacto: estefania.lsalas@udc.es

<sup>2</sup> *Regla de San Benito* [en línea]. Disponible en: <<http://www.sbenito.org>> Consulta: [23/10/2015].

## La hospedería monástica de Samos



**Figura 1** - Recreación gráfica del monasterio medieval de Samos a finales del siglo XV, señalando la hospedería monástica y el trazado del camino de peregrinación hacia Santiago de Compostela a su paso por Samos. Elaborada por la autora.

En el caso del monasterio de San Julián de Samos, sabemos que además de un lugar de culto, el cenobio poseyó, desde la Edad Media, de un claustro asociado a aquel, en donde se desarrollaba la vida de la comunidad, así como algunas otras edificaciones exentas. De estas últimas, a nivel documental sólo tenemos constancia de la existencia la conocida Capilla del Ciprés así como de una hospedería.

Posiblemente esta hospedería fue la primera edificación construida por los monjes con fines hospitalarios. De ella tan sólo encontramos una referencia en la bibliografía que nos permite saber de su existencia y determinar, de forma aproximada, el lugar en el que estaba ubicada (fig. 1).



Cuando en la segunda mitad del siglo XVII dio comienzo la construcción de un nuevo claustro, hoy conocido como claustro grande o del P. Feijoo,<sup>3</sup> fue necesario derribar la parte de la construcción medieval claustral que aún se conservaba, al igual que el edificio de la hospedería que pertenecía al conjunto monacal. Así lo recoge Miguel Durán cuando al relacionar las obras realizadas por Fr. Mauro de Vega (1633-1637) dice "el claustrillo de la cámara antigua y las hospederías también antiguas que se deshicieran cuando se hizo la obra del claustro nuevo",<sup>4</sup> hecho que también apunta Plácido Arias.<sup>5</sup>

Sabemos que del nuevo claustro grande, entre 1685 y 1689, se "hizo el paño de el claustro de la cámara".<sup>6</sup> Por tanto, se construyó primero parte del lienzo que se ubica en el espacio que en aquel momento ocupaba el "claustrillo de la cámara antigua", es decir, la parte del claustro medieval que se mantuviera en pie tras la construcción del actual claustro de las Nereidas y que ahora fue necesario demoler, continuando los trabajos por la panda sureste, la paralela al río, lo que obligó al derribo de la antigua hospedería (figs. 2 y 3).



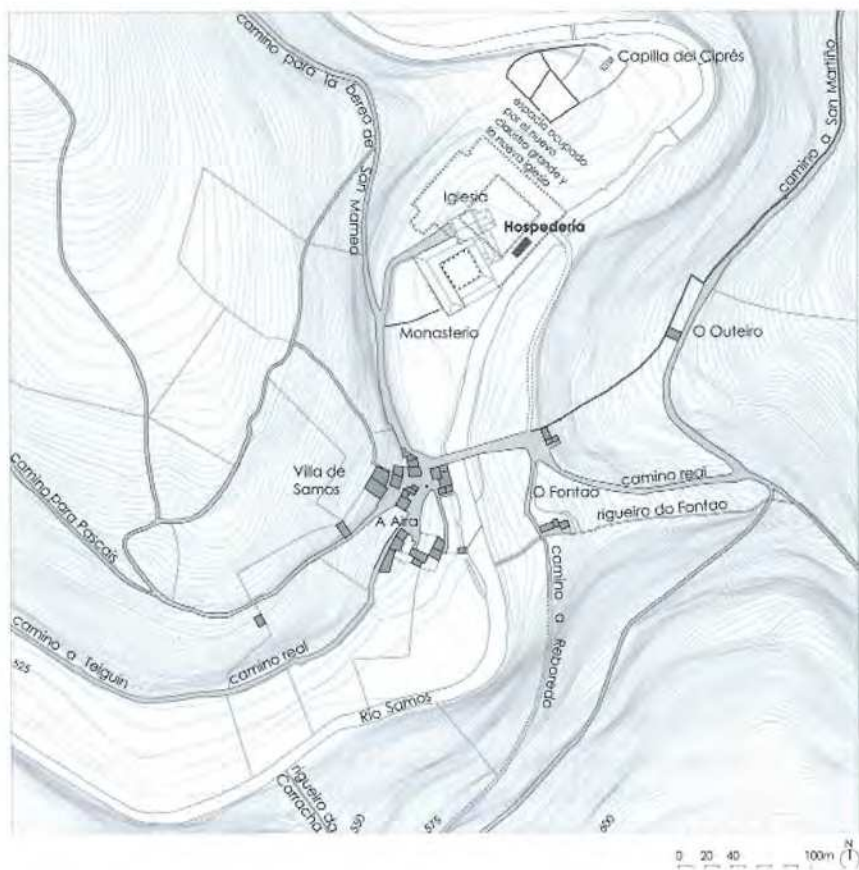
**Figura 2** - Recreación gráfica del monasterio de Samos a principios del siglo XVII, señalando la hospedería. Elaborada por la autora.

<sup>3</sup> Durán, Miguel. *La Real Abadía de San Julián de Samos: estudio histórico-arqueológico*. Madrid: 1947, p. 59; Folgar de la Calle, M.<sup>a</sup> del Carmen. "La iglesia del monasterio de San Julián de Samos: Fray Pedro Martínez y Fray Juan Vázquez". En Folgar de la Calle, M.<sup>a</sup> del Carmen; Goy Diz, Ana E. y López Vázquez, José Manuel (coord.). *Memoria Artis: Studia in Memoriam M<sup>a</sup> Dolores Vila Jato*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003, p. 290; Folgar de la Calle, M.<sup>a</sup> del Carmen. "A construción do gran mosteiro de San Xulián de Samos. Cen anos de transformacións arquitectónicas". En Fernández Castiñeiras, Enrique y Monterroso Montero, Juan M. (dir.). *Arte beneditina nos camiños de Santiago. Opus Monasticorum II*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2006, p. 215.

<sup>4</sup> Durán, Miguel. *Op. cit.*, p. 18.

<sup>5</sup> Arias Arias, Plácido. *Historia del Real Monasterio de Samos*. Santiago de Compostela: Imprenta, Lib. y Enc. Seminario Conciliar, 1950, p. 222.

<sup>6</sup> Zaragoza Pascual, Ernesto. "Un abadologio inédito de Samos, del siglo XVIII". *Studia Monástica*, 1980, Vol. 22, pp. 337-338.



**Figura 3** - El monasterio de Samos y la villa inmediata en la segunda mitad del siglo XVII, señalando la posición de la hospedería monástica, en relación con los límites del claustro grande o del P. Feijoo cuya construcción provocó el derribo de aquella. Plano elaborado por la autora.

Sería precisamente en esta misma panda donde la comunidad religiosa decidió situar, no sólo la nueva cámara abacial que le dio nombre al paño, sino también la nueva hospedería. Ambas estancias fueron ubicadas en la primera planta del nuevo claustro, mirando al río, justo sobre la nueva portería del monasterio (fig. 4), a la que se llegaba por esa cara del complejo a través de un puente que cruzaba el río.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Castro, Manuel. "Un monasterio gallego". *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 1912, Tomo IV, nº 83, pp. 137-138; Durán, Miguel. *Op. cit.*, p. 29.



**Figura 4** - Recreación gráfica del monasterio de Samos a mediados del siglo XVIII, señalando la posición de la estancia destinada a hospedería en la primera planta del claustro grande. Elaborada por la autora.

De esta forma, la hospedería de Samos dejó de ser un edificio exento para pasar a ser una estancia más del complejo monástico dentro del nuevo claustro. En esa posición se mantuvo hasta la actualidad, experimentando en ese periodo temporal una serie de reformas.

### El hospital de la villa de Samos

Además de la hospedería monástica, ubicada dentro del espacio sagrado del monasterio -el antiguamente conocido como *Cercado*-, en la villa que se formó a los pies del complejo, los monjes construyeron la llamada casa del hospital o simplemente, el hospital.

Su existencia, al igual que en el caso de la hospedería, también se remonta al periodo medieval, tal y como se puede deducir de la lectura de dos documentos que hoy se conservan. El primero de ellos data del siglo XI. Se trata de una escritura del Tumbo de Samos en la que se dice lo siguiente: "ut deserviat ipsa villa hic in Samanos in locum predictum ibi in hospitalarium ad hospitibus et

peregrinis et servis Dei advenientium pro remedium anime mee".<sup>8</sup> A través de estas palabras podemos, por tanto, confirmar la existencia de un hospital para servicio de huéspedes y peregrinos en el lugar de Samos, dirigido probablemente por la comunidad monástica allí existente y próximo al camino.

El segundo documento localizado con referencia al antiguo hospital de Samos se guarda hoy en el Archivo Histórico Nacional. Se trata de un manuscrito inédito de 1815, cuyo autor fue el que por entonces era monje archivero de Samos, Alberto Buela y Miranda. En el folio 95 se recoge una copia de un texto fechado en el año 1619 y atribuido al llamado P. Rodríguez, que dice lo siguiente:

*En el lugar de Samos hay un hospital bien mal parado, y había de estar con más aseo, y con más caridad por ser obra muy antigua el albergar en el pueblo los peregrinos y huéspedes, que pasaban en Romería a Santiago, y por esta caridad que se usaba cada día, se aumentaba la hacienda de este monasterio; ahora se va disminuyendo porque se falta a este ministerio. El Papa Paulo 3º año de Christo de 1538, anexó el beneficio de Freituxe de Lemos a esta casa, porque le hicieron relación que por aquí pasaban muchos peregrinos, y que no se podía acudir con tanta comodidad, como pedía su trabajo, y necesidad, y que así suplicaban a su Santidad les anexase aquel beneficio, para que el vino, que allí se cogiese, se gastase en este ministerio: el Papa lo concedió con esta condición como lo dice la bula; ahora no sé si se hace aunque hay hartos pobres; pero peregrinos para Santiago pasan pocos, porque no se les debe acudir a sus necesidades. El hospital que valía algo se quemó habrá 200 años poco más, o menos, y después se hizo otro tal cual [...]*<sup>9</sup>

A través de este fragmento, tenemos noticia, en primer lugar, de que el hospital del lugar de Samos se quemó hacia el año 1419, aunque la fecha no pueda ser considerada como exacta, pues el P. Rodríguez habla de que el suceso acaeció "habrá 200 años poco más, o menos", gozando el dato de bastante imprecisión. En segundo lugar, sabemos que el edificio fue reconstruido a la manera del ya desaparecido, lo cual indica que, posiblemente, la obra se ejecutó en el mismo lugar y con las mismas dimensiones que poseía el antiguo hospital. En tercer lugar, este fragmento de texto confirma como antigua, la labor de acoger a huéspedes en Samos. En cuarto y último

<sup>8</sup> Lucas Álvarez, Manuel. *El tumbo de san Julián de Samos (siglos VIII-XII). Estudio introductorio. Edición diplomática. Apéndices e índices*. Santiago de Compostela: Publicaciones de la obra social Caixa Galicia, 1986, pp. 90-93.

<sup>9</sup> Archivo Histórico Nacional (en adelante, AHN): Índice nuevo de forales de Freituxe. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6490, fol. 95.

lugar, se hace hincapié en un hecho no menos relevante, el de que a principios del siglo XVII el número de peregrinos de camino a Santiago eran escasos, al menos los que pasaban por el lugar de Samos, a diferencia de lo que ocurría un siglo antes y que había sido una de las razones para anexionar la parroquia de Santiago de Freituxe de Lemos al patrimonio del monasterio.

Para encontrar nuevas referencias entre la documentación histórica al hospital de la villa de Samos, tenemos que acudir a un conjunto de escrituras de foro concedidas por los monjes entre 1560 y 1674. Entre ellas, la siguiente noticia sobre una construcción destinada a atender a huéspedes, la localizamos en una escritura de foro de 1560. Aquí el monasterio aforaba a Alonso Broco y su mujer, durante tres generaciones,

*[...] la casa nueva en que vos el dicho Alonso Broco vivís e moráis en el lugar da Aira extramuros de este nuestro monasterio con su aira según está y fue demarcada por los padres prior y mayordomo que es todo ello propio del dicho nuestro [...] a condición de que tengáis dos camas de ropa en la dicha casa para recoger algunos huéspedes cuando vinieren hasta dicho nuestro monasterio y lugar de Samos [...]*<sup>10</sup>



**Figura 5** - Recreación gráfica del lugar de A Aira de la villa de Samos en la segunda mitad del siglo XVII, señalando la construcción destinada a hospital con un sombreado de cuadrícula. Elaborada por la autora.

<sup>10</sup> AHN: *Foros y otros instrumentos* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6526, fol. 38v. También hay otra copia de esta escritura en AHN: *Foros y apeos de Ferreira y Samos que pasaron ante el escribano Andrés González* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6492, fol. 124r. Disponibles en: <<http://pares.mcu.es/>> Consulta: [9/11/2010].

El lugar de A Aira, donde se señala que la casa aforada estaba ubicada, es el nombre con el que se conoció al centro de la villa de Samos, en el margen izquierdo del río, hasta la segunda mitad del siglo XVII (fig. 5). Aunque en este documento no se habla de la construcción aforada como casa del hospital, la exigencia de “recoger algunos huéspedes” nos permite identificarla como tal.

Al entrar en el siglo XVII, ya en sus primeros años, volvemos a encontrar varios documentos sobre esta edificación. El primero es del año 1603. Se trata de una escritura de solicitud del levantamiento de la segunda voz del foro de Alonso Broco, elevada por su hija Inés Broco y el marido de ella, Pedro de Lulle, ante el monasterio. La petición fue rechazada por la comunidad monacal, pues tal y como se reconoció en la escritura, la segunda voz del foro de Alonso Broco ya había sido otorgada a Juan Broco, hijo de Alonso Broco. Por tanto, el monasterio concedió a Inés Broco y Pedro de Lulle el disfrute de la tercera y última voz del foro hecho al padre de aquélla, manteniendo la cláusula de dar “dar dos camas a los huéspedes que la casa de Samos tuviere”.<sup>11</sup>

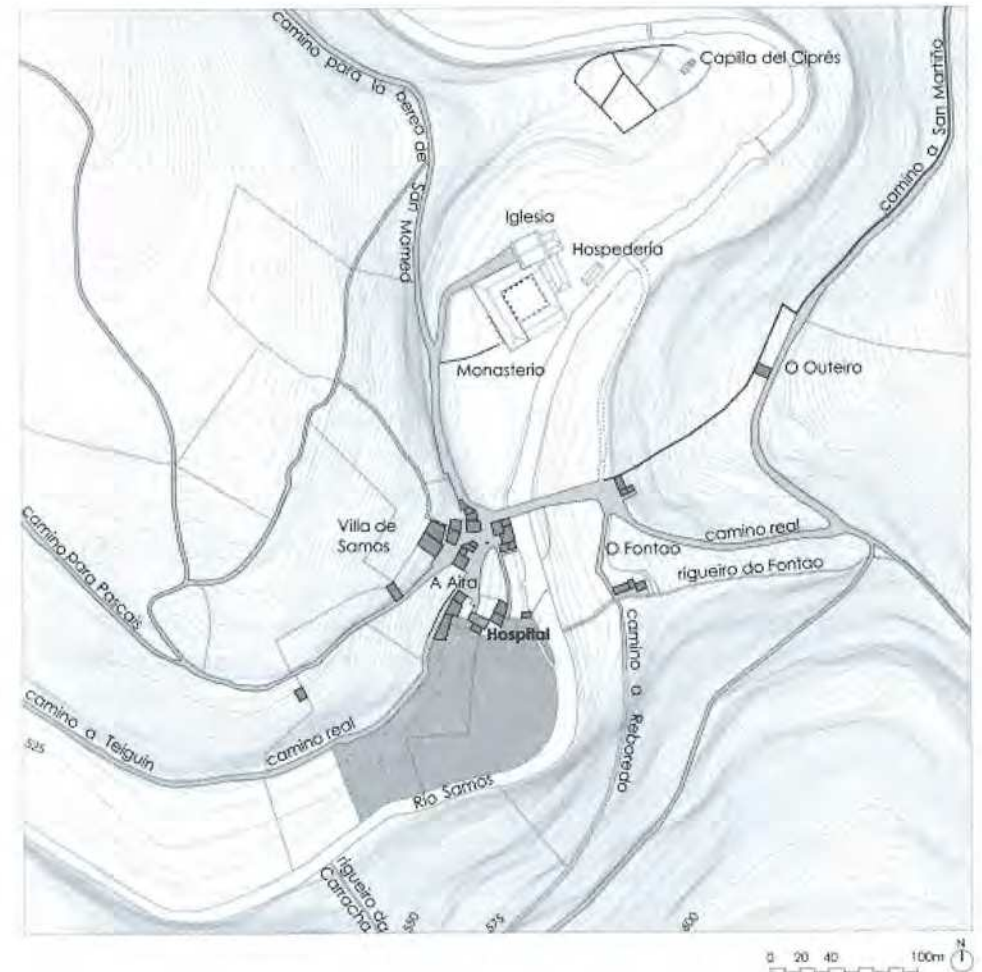
En 1610 tenemos constancia de que esta propiedad cambió de manos. Ése es el año en el que según el título de una escritura recogida en un libro memorial de foros se redactó el siguiente documento: “Fuero Diego sastre por la vida de María de la Torre con que de dos camas a pobres. Luego se hizo fuero a María de la Torre del Hospital y heredades a él anejas por su vida y ha de dar dos camas a pobres”.<sup>12</sup>

A lo largo de toda la primera mitad del siglo XVII ya no volvemos a tener noticias sobre esta construcción. Para encontrar nuevos datos tenemos que acudir al libro de *Apeos de la feligresía de Samos*, de 1660.<sup>13</sup> En el momento de la redacción de ese documento, la vivienda de la que hablamos ya no estaba aforada a ningún vecino del lugar, de ahí que no fuese apeada, pues era una de las construcciones de la villa que administraba directamente el monasterio. A pesar de que no contamos con un deslinde ni un memorial que nos aproximen al conocimiento de sus características y su ubicación, la ahora llamada casa del hospital aparece citada en diversos expedientes del apeo, como bien colindante con la vivienda de Catalina Vázquez y de varias propiedades agrícolas, que tomaban su nombre de ella, como la “cortiña de abajo del hospital” que poseían Domingo Núñez y Alberte Fernández o la “cortiña de detrás del hospital” de Eufrasio López (fig. 6).

<sup>11</sup> AHN: *Foros y escrituras que pasaron ante el escribano Juan Montero* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6523, fol. 265v. Disponible en: <<http://pares.mcu.es/>> Consulta: [9/11/2010].

<sup>12</sup> AHN: *Memoriales de foros y rentas en varios partidos* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6516, fol. 57v. Disponible en: <<http://pares.mcu.es/>> Consulta: [9/11/2010].

<sup>13</sup> AHN: *Apeos de la feligresía de Samos* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6513. Disponible en: <<http://pares.mcu.es/>> Consulta: [9/11/2010].



**Figura 6** — La villa de Samos en la segunda mitad del siglo XVII, señalando con sombreado de cuadrícula la construcción destinada a hospital y con sombreado de rayas las fincas en cuya denominación se usa ya el término hospital como topónimo. Plano elaborado por la autora.

En la segunda mitad del siglo XVII, de nuevo es una escritura de foro redactada por el escribano Antonio de Pedrosa en 1674, la que hace referencia a la casa del Hospital de la villa. A través de este documento, el monasterio de Samos daba en foro a Marcial de Godoi, vecino de la villa de Samos y criado del monasterio, para él y su mujer y para otras dos generaciones más,

[...] una casa con su salido a la puerta trasera de ella con su parral que llaman el Hospital la cual es propia del dicho nuestro monasterio [...] la cual dicha casa que así aforamos demarca por la parte de hacia el río con cortiña y huerta que posee Antonio de Rubián y por la parte del salido de dicha casa donde está una parra demarca con era que poseen los herederos de Antonio Pérez la cual está cubierta toda ella de losa [...]<sup>14</sup>

Entre las cláusulas del contrato figuraba aquella que en todos los documentos de época anterior nos permitió identificar la casa aforada como la destinada a hospital,

[...] el cual dicho fuero de dicha casa y salido le hacemos con las condiciones y gravámenes siguientes que el dicho Marcial de Godoy y sus sucesores han de estar siempre obligados de dar posada a todos los pobres y peregrinos que vinieren por la dicha villa de Samos sin que en ello pongan reparo [...]<sup>15</sup>

En el siglo XVIII, para encontrar más referencias al hospital de la villa tenemos que acudir a un nuevo documento, el *Catastro del Marqués de la Ensenada* de 1753.<sup>16</sup> Como respuesta a la cuestión 30 del *Interrogatorio*, sobre si había hospitales en la feligresía, de qué calidad, qué renta tenían y de qué se mantenían, los peritos respondieron que, en aquel momento, existía “una casa que sirve de hospital para los pobres el cual mantiene dicho Real Monasterio de Samos sin que para ello tenga destinado Renta alguna, por fundación, más que únicamente la devoción de asistirles”.<sup>17</sup> Por otra parte, la ya larga presencia de esta construcción en la villa empezó a dejar su huella en la propia toponimia, de forma tal que, a partir de este momento, ya se habla del sitio del Hospital, como uno más de los que conformaban la villa (fig. 7).<sup>18</sup>

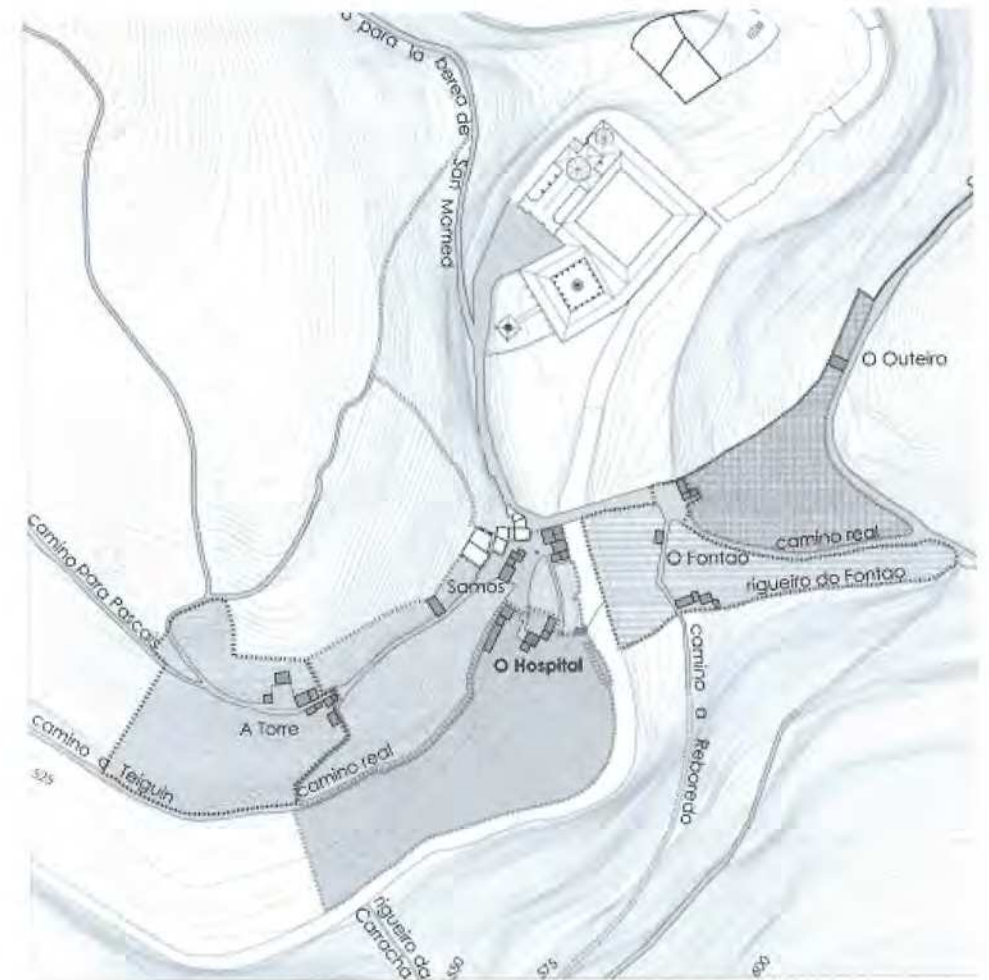


Figura 7 - Los lugares de la villa de Samos según el Catastro del Marqués de la Ensenada de 1753. Plano elaborado por la autora.

<sup>14</sup> AHN: *Foros otorgados ante Antonio de Pedrosa y otros escribanos* [en línea]. Fondo Instituciones Eclesiásticas, Clero secular-regular. Libro 6525, fols. 425r-426r. Disponible en: <http://pares.mcu.es/> Consulta: [9/11/2010].

<sup>15</sup> Ídem.

<sup>16</sup> El *Catastro del Marqués de la Ensenada* correspondiente a los territorios de la actual provincia de Lugo se custodia en el Archivo Histórico Provincial de Lugo (en adelante, AHPL). Para Samos su referencia es AHPL: *Feligresía de Santa Gertrudis de la Villa de Samos*. Catastro del Marqués de Ensenada. Signaturas: 10333-09, 10333-10, 10333-11, 10333-12 y 10333-13.

<sup>17</sup> AHPL: *Interrogatorio. Feligresía de Santa Gertrudis de la Villa de Samos. Catastro del Marqués de Ensenada*. Signatura: 10333-09, sin foliar.

<sup>18</sup> Con ese nombre figura en varias colindancias de bienes incluidos en AHPL: *Real de Legos. Feligresía de Santa Gertrudis de la Villa de Samos*. Catastro del Marqués de Ensenada. Signatura: 10333-13.

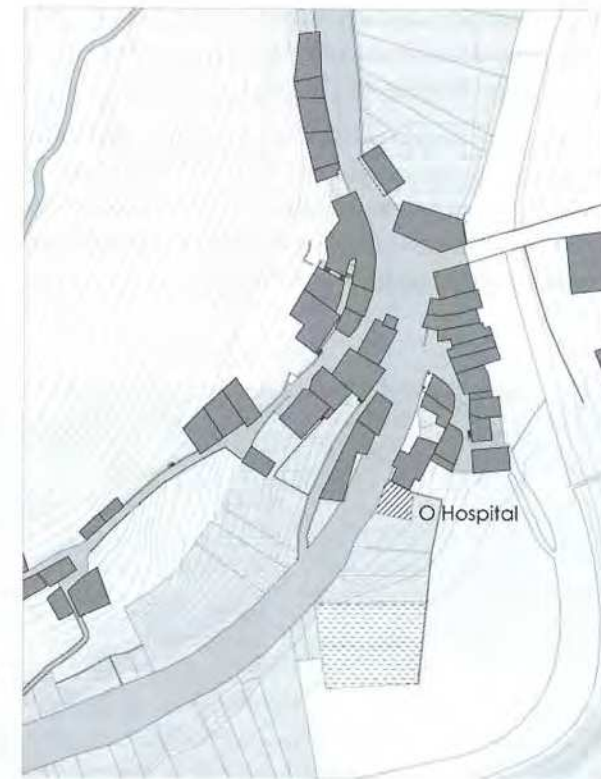
Tras la exlaustración de la comunidad benedictina y la desamortización de sus propiedades en la tercera década del siglo XIX, la construcción destinada a hospital dejó de funcionar como tal, transformándose en una vivienda más del asentamiento. No obstante, de su antigua función permaneció el nombre, *Hospital*, como topónimo. Éste aparece sobre todo presente entre la documentación generada a raíz de la construcción de una nueva carretera entre finales del siglo XIX y principios del XX, que partiendo desde Sarria y pasando por el centro de Samos, se dirige aún hoy hasta Pedrafita do Cebreiro.

Los documentos generados en aquellos años para las correspondientes expropiaciones de bienes rústicos y urbanos contienen frecuentes referencias al término *Hospital*, empleado para determinar la ubicación de fincas.<sup>19</sup> Las referencias a esa zona de la villa son abundantes, porque fue una de las más afectadas por el trazado de la nueva carretera, que obligó al derribo de varias edificaciones que se ubicaban en el área del *Hospital*, posiblemente sobre el espacio que antiguamente había ocupado la construcción dedicada a esa finalidad (figs. 8 y 9).



**Figura 8** - El centro de la villa de Samos según un plano parcelario de 1892, antes de la construcción de la nueva carretera de Sarria a Pedrafita do Cebreiro a su paso por Samos, señalando con sombreado de rayas la huerta denominada "Hospital o Tras de la Casa" en los documentos derivados de la expropiación. Plano elaborado por la autora en base al original que se guarda en el Archivo General de la Administración, Fondo de la Dirección General de Carreteras, signatura: 46/01436.

<sup>19</sup> AHPL: *Expropiación forzosa del Ayuntamiento de Samos 1891-1893-1894*. Fondo de Obras Públicas. Signatura: 32855/1, sin foliar.



**Figura 9** - El centro de la villa de Samos al término de la construcción del tramo de carretera de Sarria a Pedrafita do Cebreiro a su paso por Samos, a finales del siglo XIX, señalando con sombreado de rayas el terreno denominado "Hospital" en una solicitud de licencia del año 1900 y con sombreado de líneas discontinuas la propiedad llamada "Huerta del Hospital" en otro expediente de solicitud de licencia del año 1970. Plano elaborado por la autora.

Al fin de dichas obras se emitieron varias solicitudes de licencia para la construcción de nuevas viviendas o para reformar aquellas que se vieran afectadas. En estos expedientes, conservados en el Archivo del Ayuntamiento de Samos, aparece de nuevo el término de *Hospital* para hacer alusión a una cierta área del centro de la villa.<sup>20</sup> La última vez que encontramos este topónimo entre la documentación consultada

<sup>20</sup> Así ocurre en la solicitud de licencia de agosto de 1900 elevada por José Valdés Vila para obtener el permiso necesario para "edificar una casa de habitación en un terreno que posee a la entrada de esta Villa al nombramiento del Hospital, sito a la margen derecha de la carretera de Sarria y contiguo a la casa que en dicho punto está construyendo D. Segundo Hermida". Archivo del Ayuntamiento de Samos (en adelante, AAS): *Obras mayores (1885-1910)*. Caja 471, sin foliar.

data de 1970 y se corresponde con otro expediente de solicitud de licencia para la construcción de una vivienda en el margen derecho de la Avenida del Generalísimo, en la finca que denominan "Huerta del Hospital".<sup>21</sup>

Aquí ponemos punto y final al uso del término *Hospital*, única permanencia en el paisaje contemporáneo de una antigua construcción creada por los monjes con un fin hospitalario. Y decimos punto y final porque, si bien otros términos de lugares de la villa, como A Torre u O Outeiro todavía hoy son representados en la cartografía oficial, no ocurre lo mismo con aquel (fig. 10).



**Figura 10** – Vista exterior de la villa de Samos en la segunda mitad del siglo XX, señalando el área conocida como Hospital. Fondo fotográfico del monasterio de Samos.

## A modo de conclusión

El breve recorrido que hemos realizado por el conocimiento de las arquitecturas creadas por la comunidad de Samos con un fin hospitalario, nos ha permitido sacar a la luz numerosos datos sobre ellas que hasta ahora eran desconocidos, especialmente en el caso del hospital de la villa. Asimismo, hemos podido reconstruir de forma gráfica el lugar en el que estuvieron ubicadas y recuperar la memoria de valores perdidos, cuya permanencia o reutilización en el futuro, el estudio aquí realizado puede ayudar a garantizar.

## BIBLIOGRAFÍA

**ARIAS** Arias, Plácido. *Historia del Real Monasterio de Samos*. Santiago de Compostela: Imprenta, Lib. y Enc. Seminario Conciliar, 1950.

**ARIAS** Cuenllas, Maximino. *Historia del monasterio de San Julián de Samos*. Samos: Monasterio de Samos/Diputación Provincial de Lugo, 1992.

**CASTRO**, Manuel. "Un monasterio gallego". *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 1912, Tomo IV, nº 83, pp. 136-143.

**DURÁN**, Miguel. *La Real Abadía de San Julián de Samos: estudio histórico-arqueológico*. Madrid: 1947.

**FOLGAR DE LA CALLE**, M.<sup>a</sup> del Carmen. "La iglesia del monasterio de San Julián de Samos: Fray Pedro Martínez y Fray Juan Vázquez". En Folgar de la Calle, M.<sup>a</sup> del Carmen; Goy Diz, Ana E. y López Vázquez, José Manuel (coord.). *Memoria Artis: Studia in Memoriam M<sup>a</sup> Dolores Vila Jato*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2003, pp. 289-309.

**FOLGAR DE LA CALLE**, M.<sup>a</sup> del Carmen. "A construción do gran mosteiro de San Xulián de Samos. Cen anos de transformacións arquitectónicas". En Fernández Castiñeiras, Enrique y Monterroso Montero, Juan M. (dir.). *Arte beneditina nos camiños de Santiago. Opus Monasticorum II*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2006, pp. 149-178.

**LUCAS ÁLVAREZ**, Manuel. *El tumbo de san Julián de Samos (siglos VIII-XII). Estudio introductorio. Edición diplomática. Apéndices e índices*. Santiago de Compostela: Publicaciones de la obra social Caixa Galicia, 1986.

**PORTILLA COSTA**, Pedro de la. *Monasterio de San Julián de Samos. Historia de dos restauraciones (1880 y 1951)*. A Coruña: Fundación Caixa Galicia, 2003.

*Regla de San Benito* [en línea]. Disponible en: <<http://www.sbenito.org>> Consulta: [23/10/2015].

**ZARAGOZA PASCUAL**, Ernesto. "Un abadologio inédito de Samos, del siglo XVIII". *Studia Monástica*, 1980, Vol. 22, pp. 307-343.

<sup>21</sup> AAS: *Obras mayores (1912-1972)*. Caja 472, sin foliar.



# ÍNDICE

1. Introducción

2. Metodología

3. Resultados

4. Conclusiones

5. Bibliografía

6. Anexos

7. Índice de Figuras

8. Índice de Tablas

9. Índice de Símbolos

10. Índice de Abreviaturas

11. Índice de Siglas

12. Índice de Referencias

13. Índice de Citas

14. Índice de Documentos

15. Índice de Páginas

16. Índice de Páginas Blancas

17. Índice de Páginas de Pie

18. Índice de Páginas de Encabezado

19. Índice de Páginas de Pie de Página

20. Índice de Páginas de Encabezado de Página

21. Índice de Páginas de Pie de Página y Encabezado de Página

22. Índice de Páginas de Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página

23. Índice de Páginas de Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página

24. Índice de Páginas de Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página

25. Índice de Páginas de Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página y Pie de Página y Encabezado de Página



## ÍNDICE

Tiago e Pedro

**Aires Henrique do Couto Pereira**

Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ..... 3

Saudação

**Paulo João Lopes da Silva**

Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro de Rates ..... 5

Programa – 17 e 18 de novembro de 2016 ..... 7

### COMUNICAÇÕES

O que é um caminho “de Santiago”?

**Dr. Arlindo Cunha** ..... 13

Participação da Associação de Hospitaleiros Ventos Peregrinos

**Dr. António Magalhães Pinto** ..... 21

La hospitalidad monástica en San Julián de Samos:

su rastro documental y físico

**Professora Doutora Estefanía López Salas** ..... 27

Reconstrucciones y traslados en el Camino de Santiago

**Professor Doutor José Ramón Soraluze Blond** ..... 45

Fuerzas centrípetas y centrífugas. Peregrinos y Refugiados

**Professor Doutor Xosé Leira López** ..... 71

A música na peregrinação de Cosme III de Médicis <b>Dr. Pedro Abeal Sousa</b> .....	85
La Abadía San Pedro de Moissac, suroeste de Francia, donde están concentrados los mejores tímpanos del románico Patrimonio de la UNESCO <b>Dr. Jean-Claude Benazet</b> .....	101
Huellas históricas de la peregrinación europea en la Ciudad de Santiago <b>Dr. Manuel F. Rodríguez</b> .....	105
Ofrendas al Apóstol Santiago y regalos a Peregrinos Singulares <b>Professor Doutor Ramón Yzquierdo Perrín</b> .....	119
S. Pedro de Rates na lenda e na história <b>Dr.ª Deolinda Carneiro</b> .....	139
La peregrinación europea a Santiago en la crisis general del siglo XIV: perspectivas desde la situación política y el ambiente psicosocial de la época <b>Professor Doutor Francisco Singul</b> .....	161
Para a história de um tramo do caminho <b>Professor Doutor José Augusto Maia Marques</b> .....	179